Ano 31.º Sábado, 17 de Setembro de 1938 N.º 1543

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

No regresso como na partida

E' ainda cêdo para se avaliarem os resultados práticos e o alto sentido nacional da viagem do venerando Chefe do Estado às Províncias de S. Tomé e de Angola. O futuro há-de mostrar, exuberantemente, que ela constituiu um acto de rasgada visão da nossa política colonial.

Deante de intrigas, de boatos e de ambições que esvoaçavam, deploràvelmente, sôbre um património que faz parte da melhor alma portuguesa—e pretendiam deformar, até, o verdadeiro sentido das realidades ultramarinas —o govêrno nacional entendeu que lhes devia opôr um desmentido formal, concreto e claro, mostrando a todos, aos de dentro e aos de fóra, que a unidade está mais forte do que nunca. Pois já é bem evidente que se os portugueses de além-mar nunca admitiram a hipótese de pertencerem a outra nação, nunca, como hoje, fôram tão ciosos do seu patriotismo e da sua fé nacionalista.

Ora é êste o aspecto dos acontecimentos que deve ser encarado na agitada hora que decorre.

É bem claro que a viagem do sr. General Carmona não teve por fim dizer aos portugueses que as províncias do continente ainda são nossas. Embora uma errada orientação política tivesse deixado adormecer, de certo modo, a consciência nacional, a posse e a conservação das terras que descobrimos, conquistámos, ocupámos e civilizámos constituíram sempre para nós uma certeza indiscutível.

Confessamos, no entanto, que o que se passou agora em S. Tomé e em Angola nos surpreendeu e nos comoveu.

As manifestações que envolveram o representante de Portugal, fôram tão belas, tão quentes e tão vibrantes, tiveram tanta magestade e tanta grandeza, que atingiram o elevado grau dos acontecimentos inéditos e simbólicos. Dir-se-ia que eram a revelação expontânea duma Raça que afirmava, deante do mundo inteiro, a sua vontade indomável e o seu espírito imortal.

Parece-nos que ainda foi o sr. dr. Manuel Murias, privilegiada intuição de escritor e historiador, quem melhor definiu o sentido destas manifestações:

«Não esquecerei nunca o ar surprezo, atónito, do almirante inglês e do governador geral do Congo Belga... Nunca! Via-se bem que estavam longe de esperar aquilo—aquele mar de homens e mulheres, sem distinção de côres, exprimindo com entusiasmo os seus sentimentos portugueses, abraçando-se na mesma alegria e mostrando bem, uns e outros, que, na verdade, compreendiam o significado supremo desta viagem e que o Chefe do Estado trazia consigo a representação perfeita da Nação inteira.

Mas então, porque é que esta gente chora? Como é que a saudade os toma a todos nesta espantosa evocação, se a Pátria está com êles nesta terra abençoada e se ainda aqui, mais do que em qualquer parte, se podem sentir portugueses e criadores? Porque se contraem de comoção os rostos dos soldados indígenas, que apresentam armas, e se crispam as faces dos oficiais tisnados ao sol de Africa, e lhes enrouquece na garganta a voz de comando?...

O que parece é que Portugal renasce nas almas. Tôda esta gente sabe que levamos connôsco, nos nossos corações, a própria alma de Portugal. E' Portugal que aclamam no Chefe da Nação—é Portugal que a multidão embala no gesto vago que lembra ondas do mar e que, do alto da Câmara, lá por baixo, parece realmente um mar sem fim, multicolor e agitado, que cobre as praças, entra pelas ruas e vai perder-se, ao longe, pela terra de Angola fóra.

E' Portugal que renasce aqui, mais forte e seguro do que nunca».

Já vêm, pois, que não exageramos ao assinalar à viagem do sr. General Carmona um êxito nacional que nos satisfaz—e nos honra.

Entendemos, mesmo, que devem meditar no seu valor e nas suas possíveis consequências todos aqueles que vivem para além dos interêsses individuais, sempre pequenos e mesquinhos, e sentem, na alma, o orgulho português.

Um pessimista qualquer—dos muitos que a liberal democracia nos legou—dizia-nos, há dias, que Portugal seria sempre um simples protectorado inglês. E quando lhe mostrámos que poderíamos mobilizar, se quizessemos, quási dum dia para o outro, cêrca de dois milhões de homens, o pessimista baixou a cabeça e só pôde balbuciar: —«mas falta-nos dinheiro».

Não me foi difícil fazer-lhe sentir que nêsse aspecto também andava iludido, apontando-lhe, apenas, o que se fêz em Portugal em doze anos de actividade criadora. E o homem ficou outro.

E' a verdade dos factos, pois, que deve ser pesada pelos bem intencionados, tirando cautelosamente as admiráveis lições que ela comporta.

Deve dizer-se, ainda, que não fôram, apenas, os portugueses de além mar que sentiram e compreenderam o significado da viagem presidencial.

A nação inteira compartilhou do mesmo entendimento e do mesmo entusiasmo. Mostrou-o claramente nas atenções que dispensou ao sr. General Carmona, quando, alegre e lisongeado, de novo pousou seus pés na capital do Império.

Podem dizer o que lhes aprouver os tristes agentes da decadência portuguesa. A verdade inegável, porém, aquela que se vê e prevalece firme através dos tempos, mostra exuberantemente que os nacionalistas acompanham, radiantes, o govêrno nacional.

Nas manifestações do dia 30 estava representado Portugal inteiro—o que trabalha de sol a sol, e faz, com o seu esfôrço patriótico e com o seu sacrifício, o engrandecimento da Nação. Não esqueçamos nós mais êsse facto sobremodo significativo, vendo nêle, juntamente, a unidade do Império servida e reafirmada pelo Estado Novo.

LUIZ FILIPE

Efemérides

17 de Setembro

1759—Embarque dos jesuítas expulsos no brigue *S. Nicolau*.

1815—D. Pedro IV, a quem os aristocratas portugueses e os seus descendentes levantaram, em Lisboa, uma estátua no Rossio, mandou aprisionar, no Rio de Janeiro, a corveta *Voador* e não recebe os dois emissários que seu pai e o Govêrno de Portugal lhe haviam enviado.

1870—Victor Hugo chega a Paris de regresso do exílio.

Telefone

Bonsucesso, um dos logares pertencentes à freguesia de Arada, vai, dentro em breve, possuir também um posto telefónico público que anda a ser instalado no estabelecimento do sr. Amandio Ribeiro da Rocha.

E' caso para dar os parabens aos habitantes por o melhoramento ser de grande utilidade.

Praia do Mondego

Está prestes a desaparecer a praia artificial de Coimbra, que, segundo relata a imprensa da cidade universitária, teve pouca animação êste ano a-pezar-dos instantes convites à valsa feitos pela mesma imprensa.

Foi uma novidade, ao que parece, pouco duradoura, havendo quem previsse o fracasso, mas não em tão curto praso. Enfim: coisas que acontecem...

EUMAREIRISMO!

Chegou-lhe a vez...

A *Pravda* anuncia que o ex-comissário do povo para a Justiça, o conhecido Krylenko, será brevemente julgado pelo tribunal, de que foi durante muito tempo o chefe supremo. Destituido no princípio dêste ano por estar em desacôrdo com a actual doutrina jurídica do Estado soviético, o autor dos dois códigos penais da U. R. S. S. sofrerá os rigores dos artigos que êle próprio redigiu.

Com Krylenko desaparecerá um dos últimos bolchevistas da *velha guarda*. Quarenta e três procuradores de distrito foram acusados de absolver *inimigos do povo* e acompanhá-lo-ão no banco dos réus.

Não pára a dança macabra, que Staline rege, infatigàvelmente!

Mariscos

Pelo visto, a lagosta não quiz ficar atraz da sardinha, em fartura, subindo já a mais de 20 mil só as que tem sido pescadas em S. Martinho do Porto, número êste que ainda tende a elevar-se, como é natural, dada a sua abundância.

Entre nós acontece o mesmo com o birbigão e mexilhão pelo que até os amantes de bons petiscos andam mais arrebitados...

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

Bilhetes da praia

Costa Nova, 15

Então que é isto? Estamos no meado do mês de Setembro e nunca vimos a praia como êste ano: uma desanimação completa. Fêz-se a chinchada oficial que, nem por sombras, se comparou às antigas, mesmo sem serem oficiais, e pronto. Aqui nos encontramos numa pasmaceira horrível ou quási isso. Se bem que, por mim, não me importe que tal aconteça. Eu sempre me entretenho e gozo. Da varanda do meu palheiro enxergo tôda a ria e a faxa da Gafanha que a acompanha até se perder de vista. Que quero mais? Verdade seja que a ria também deixou de ter a afluência doutros tempos. Os moliceiros, então, desapareceram quási por completo devido à falta das algas em cuja apanha se empregavam às centenas. Era lindo, era belo, era atraente o panorama. Tantas embarcações à vela, nos dias em que o sol as iluminava em cheio, transformavam de tal forma o cenário que algumas vezes—ainda me lembro—fiquei extasiado perante êle. Possuo fotografias que são o melhor documentário do labirinto que ia na ria quando invadida por essas verdadeiras esquadras de barcos em movimento. E não só disso como de tantos outros aspectos da vida marítima de que, às vezes, me sirvo para recordar e distrair o espírito nas horas de aborrecimento, vistas as outras se passarem, bem embora furtivamente... e depressa... Mas é tudo assim. Pelo que terei de me conformar, assistindo a tôdas as modificações que se vão operando.

JOÃO DO CAIS

DEVER DE GRATIDÃO

O DEMOCRATA, perante um grupo de amigos, manifesta o seu reconhecimento a todos

O almôço no Arcada-Hotel

O Democrata e o seu director estiveram no domingo passado em festa de confraternização. Festa simples, particular, profundamente íntima, mas, todavia, muito significativa e encantadora. Festa de simpatia e de amizade, de estima entre companheiros de almas irmãs que se devotam, de corações que se compreendem e se dedicam e que sabem pôr acima das coisas negras e tristes da vida, a nota de verdadeira solidariedade, comunhão e entendimento, que, já é, pela sua elevação e vinco moral recortadamente humana e espiritual.

Sucintamente expliquemos a sua origem. Os habituais leitores de *O Democrata* devem estar recordados do célebre incidente. Arnaldo Ribeiro, por mero delito de imprensa, cumpriu dois meses de prisão na cadeia de Vagos, de onde saíu em 19 de Março findo.

Durante o seu cativeiro, o director dêste jornal foi alvo das maiores provas de consideração, de estima e de solidariedade.

Dezenas e dezenas de pessoas amigas por lá passaram, o foram cumprimentar e testemunharam-lhe a sua simpatia e o seu protesto.

Os amigos, êsses, levaram incondicionalmente mais longe, ainda, a sua afeição e o seu alto e nobre espírito

DR. JAIME SILVA
(Visto por G. Aleluia)

de justiça. Homenagearam-no, quando readquiriu a liberdade com a significativo banquete no *Arcada*, em que tomaram parte dezenas de pessoas recrutadas em tôdas as classes sociais de Aveiro, e que foi, pelo número, qualidade e afirmações proferidas uma calorosa manifestação de simpatia e um desempoeirado gesto de desafronta.

Arnaldo Ribeiro, justamente sensibilizado com tantas e eloqüentes provas de carinho e de interêsse pessoal pelo seu caso, do fundo do coração, reconhecidamente, as agradeceu.

Cumpriu, nessa altura e através do jornal e da correspondência, os reconhecidos deveres de gratidão para com todos.

A festa agora realizada no domingo, foi, ainda, o complemento de uma dívida de gratidão, que na consciência de Arnaldo Ribeiro se encontrava em aberto e que satisfazer era imperativamente para si uma inadiável obrigação moral.

Das dezenas de pessoas que espontânea e generosamente lhe testemunharam a sua estima, nas circunstâncias em que se encontrou envolvido, um grupo delas é merecido e justo destacar.

É um grupo de amigos e de companheiros de há muitos anos, que repetidas vezes confraternizam e acamaradam.

Êstes amigos íntimos, de todos os dias, logo que Arnaldo Ribeiro caiu no cárcere não tiveram outra humana e magnânima preocupação que não fôsse fazer esquecer-lhe o mais possível e por tôdas as formas, que se encontrava prêso.

Foram verdadeiros e dedicadíssimos amigos. Tudo fizeram para que ao seu amigo nada faltasse e que representasse confôrto moral.

Foi a êstes amigos que o director de *O Democrata*, sinceramente homenageou no domingo através dum almôço que lhe ofereceu no *Arcada-Hotel*.

Mas além dêstes bons amigos, tem Arnaldo Ribeiro um outro, que queremos aqui especializar e colocar com fulgurante luz e relêvo e a quem a sensibilizante homenagem de gratidão foi também merecidamente dedicada. Referimo-nos ao sr. dr. Jaime Duarte Silva, que foi, nos tribunais, seu esforçado patrono e ardente defensor.

Aveirense de gêma, advogado distintíssimo e com nome em todo o país, alma generosa e aberta, duma bondade sem fim, que tudo é capaz de perdoar e esquecer, o seu coração e a sua casa encontram-se, há muitíssimos anos, sempre abertas de par em par.

Numa hora aflita, torturada ou dramática, quando muitas vezes os corações se fecham num egoismo feroz, qualquer ali encontra acolhimento, amizade, entrada sem portas, palavras de confôrto, optimismo e esperança e um auxílio eficaz, que não tem a coragem de negar a ninguém, nem ao seu maior inimigo—já se sabe inimigo de véspera. E consoladora certeza: não é preciso levar dinheiro! O seu desinterêsse é já proverbial. Toma a peito a causa dos amigos, mesmo as injustas, como se fôssem suas! Mais do que fôssem suas.

A sua personalidade, por êste grande e volumoso traço moral, é muito característica e edificante.

A causa de Arnaldo Ribeiro e a sua atitude foi a de um herói. Identificou-se de tal maneira com ela, que a causa já não era de Arnaldo Ribeiro, mas sim dêle, muito dêle, utilizando não só os notáveis recursos da sua inteligência, capacidade e agudeza jurídicas, como também mobilizou igualmente as suas relações e o seu valimento pessoal.

Por tudo isto, também muito justo, justíssimo, mesmo, a homenagem de Arnaldo Ribeiro ao sr. dr. Jaime Duarte Silva.

O director dêste jornal quiz ser até ao fim gentil com o seu eloqüente e valioso patrono. Escolheu o dia do teu aniversário para a realização desta significativa festa, dupla homena-

Senhora das Dôres

Foram em grande número os romeiros que afluiram êste ano a Verdemilho, tendo-se alguns utilizado das velhas carripanas, como meio de transporte, à falta de melhor.

Muito apreciado o fôgo do hábil pirotécnico de Viana do Castelo, José de Castro, que mais uma vez pôs à prova os seus méritos, apresentando números de deslumbrante efeito.

Veio tocar ao arraial uma banda de música da Vila da Feira que alternou com a sua congénere de Ílhavo, executando vários trechos até às primeiras horas de domingo.

Não houve qualquer nota discordante, o que se constata com aprazimento.

Êste número foi visado pela Censura

Trovoada

Na terça-feira, ao cair da tarde, pairou sôbre a cidade uma trovoada de respeito, que não causou prejuizos, mas assustou pela violência das descargas.

A chuva foi em abundância, tendo alagado, por completo, as marinhas de sal.

Reunião dum curso

E' ámanhã que se juntam nesta cidade para confraternizarem durante algumas horas, os professores que se diplomaram em 1918 na Escola Normal de Aveiro, há anos extinta, devendo observar o seguinte programa:

Às 10 horas concentração no Jardim Público e visita ao Parque; às 11, missa na igreja de S. Domingos por alma dos condiscípulos e professores já falecidos; às 11 e meia visita à antiga professora, sr.ª D. Rosalina Fontes; às 12, romagem ao túmulo do professor José Casimiro; às 12,30, cumprimentos à autoridade escolar; às 13, almôço no *Arcada Hotel* e às 13,30 passeio na ria em lanchas da C. M. de Turismo.

Que pena não pertencermos também ao grupo!...

Reparações de Rádios

A oficina que tem por técnico o nosso amigo Carlos Tavares, mudou da Avenida Bento de Moura para a Avenida Central, n.º 21, o que comunicamos ao público para seu interêsse.

Coisas da Espanha vermelha

Os jornais publicaram, há dias, um telegrama eloqüente. Noticiava êle que um americano, fugido da Espanha soviética, prestara declarações perante a comissão de inquérito da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. Afirmou que os americanos levados para a Espanha vermelha por meio de falsas promessas, foram sempre enviados para as primeiras linhas, de forma que de mais de três mil que seguiram para lá apenas restam mil e seiscentos. Os comunistas tinham-lhes prometido na América que poderiam regressar depois de seis meses de serviço, uma vez chegados à Espanha vermelha, souberam que não havia regresso.

Os dois batalhões que os americanos formaram de entrada ficaram dizimados ao ponto de os reünirem num só, chamado *Washington-Lincoln*. Quando reclamaram, depois de cem dias de combate nas primeiras linhas, alguns dias de repouso, agentes da G. P. U. hispano-soviética apontaram-lhes metralhadoras e obrigaram-nos a desistir assim das suas justas reclamações. O americano terminou o seu depoimento pedindo à comissão que faça todos os esforços necessários para arrancar à Espanha soviética os jóvens americanos que ainda lá se encontram, tão desiludidos como êle próprio.

Ver a 4.ª página

"O Democrata,,

Durante o corrente mês e os primeiros dias de Outubro acha-se encerrada a Redacção dêste jornal, pelo que pedimos a quem tiver assuntos nela a tratar o favor de se dirigir à LIVRARIA UNIVERSAL, do sr. João Vieira da Cunha, na Rua Direita, que se encarrega de nos transmitir tudo quanto seja necessário no mais curto espaço de tempo.

Desde já agradecemos.

gem aos seus amigos íntimos e ao seu nobre, ilustre e prestigioso defensor.

* * *

O almoço iniciou-se às 14 horas e 30 minutos.

A essa hora a vasta sala de refeições do *Arcada*, plena de luz, com os seus azulejos e as suas côres suaves e polidas, estava quási deserta.

A um dos ângulos almoçava com sua família, o sr. major Carvalho Viegas, alta e aprumada figura de militar e ilustre Governador da Guiné.

Num dos tôpos da sala a comprida mêsa, disposta harmoniosamente e a primôr.

Arnaldo Ribeiro, simples e conciso, explicou que faltam por motivos de fôrça maior alguns amigos e os srs. dr. Querubim Guimarães, do *Correio do Vouga*, e dr. Pompeu Cardoso que, igualmente convidados, também não puderam comparecer.

A época é má, ocasião de praias. Mas não podia deixar de se fazer naquele domingo. Escolhera intencionalmente o dia do aniversário do seu ilustre patrono para a realisação da festa. Elucida que já é longo habito, quando se encontram reunidos todos os amigos do grupo em qualquer confraternisação, intitular-se de *congresso* e por isso se denominam *congressistas*.

Festa alegre e sorridente, no meio da animação de todos, Arnaldo Ribeiro abre-a com a segûinte tirada:

«Em nome da civilisação, que devia ser a base da ordem, da disciplina e da boa harmonia, vai proceder-se à chamada dos srs. *congressistas* para a iniciação dos trabalhos desta tarde.»

Feita a chamada, respondem os srs. Severim Duarte, tenente-médico dr. Vitorino Cardoso, Carlos Áleluia, Fernando Silva, Virgílio de Sousa Oliveira, Henrique Moreira Seabra, Manuel Leandro Cardoso, António Moreira Seabra, tenente Natividade e Silva, Henrique Rato e José Vieira. Faltando, por motivo justificado, os srs. Gervásio Aleluia, Benjamim Ferreira Fidalgo e Armando Madail.

Da Redacção do jornal estão na sala Joaquim Carreira e Manuel Alves Ribeiro e mais os srs. dr. Lourenço Peixinho, presidente do município, dr. António Peixinho, delegado de Saude, José Pereira Teles, director do *Ilhavense* e Aristides Ferreira, que, tendo recebido convite especial, assistem e tomam parte no almoço.

Para o logar de honra é indicado o sr. dr. Jaime Duarte Silva, que fica entre os srs. drs. Vitorino Cardoso e Lourenço Peixinho, sentando-se os restantes convivas, à vontade, indistintamente.

Por Arnaldo Ribeiro é então distribuido o *programa dos trabalhos*—a relação do que vai servir-se, a ementa, impressa em cartolina, tendo ao lado uma admirável caricatura de Jaime Silva executada pelo lapis habil e talentoso de Gervásio Aleluia.

Eis do que ela consta, a

EMENTA

Hors d'oeuvre

Lagosta à parisiense

Fileto de boeuf à la financière

Leitão à «Democrata»

Gateau de surprise

Frutas

Café ou chá

Vinhos { *Tinto* / *Branco* / *Porto*

Espumantes do Barrocão

Diamante azul

Como se vê, tudo bem escolhido, excelentemente preparado e servido de modo a prestigiar cada vez mais o hotel com que a cidade de Aveiro foi dotada e que é preciso manter custe o que custar, embora se tenham de fazer alguns sacrifícios.

O repasto inicia-se no meio de algum apetite e de conversas variadíssimas, que tornaram o tempo curto e veloz. Boa harmonia, alegria portuguesa, expansão animada, que dispõe bem e pacifica os espíritos.

A comunhão dos apetites completa primorosamente a comunhão das almas.

As primeiras rolhas saltam impacientes e vibrantes. O *Diamante Azul* côr de oiro pálido e de espuma alva, das afamadas Caves do Barrocão, saltita, fervendo nas taças. Todos se dispõem, em silêncio, a com maior gravidade, a ouvir as palavras sinceras, que os brindes entre amigos e em cerimónia íntima traduzem e refletem.

Fala o director de «O Democrata»

Arnaldo Ribeiro levanta-se formalizado e comovido. Começa por ler a carta que lhe enviou o sr. dr. Querubim Guimarãis, justificando a sua falta, assim concebida:

Prezado amigo e Snr. Arnaldo Ribeiro:

Venho renovar os meus agradecimentos, já ontem pessoalmente apresentados, pela gentileza do convite para o almôço de hoje e significar-lhe por êste meio a minha contrariedade por não poder assistir a essa festazinha íntima de congratulação e reconhecimento pelas provas de amizade recebidas num momento tão delicado da sua vida. Sabe as razões que me não permitem estar hoje no Arcada-Hotel. Comuniquei lh'as ontem e o meu prezado amigo ficou bem convencido, creio eu, de que me era impossivel libertar-me da obrigação de ir a Espinho, onde me espera, das 3 às 5, pessoa que de propósito me escreve a comunicar a sua estada naquela praia para me falar hoje e àquela hora e pessoa a quem não posso dizer que me espere em outro dia, porque regressa ámanhã ainda a Lisboa e a sua categoria e as circunstâncias especiais em que me encontro não me permitem facilidades que poderia ter com qualquer outra pessoa. Só por esta razão deixo de comparecer ao almôço o que duplamente lamento, pelo meu prezado amigo, que me honrou com o seu convite, e pelo meu colega e velho e querido amigo dr. Jaime Silva, a quem deseja, e muito bem, homenagear no dia do seu aniversário. Muita satisfação, pois, teria em assistir ao almôço, que desejo corra na melhor alegria, pedindo para aceitar os meus cumprimentos e transmitir ao meu colega Jaime Silva os votos sinceros que faço pela sua saúde e felicidades e pela saúde e felicidades de todos os que lhe são caros. Creia-me sempre com muita estima

Amigo muito grato

QUERUBIM GUIMARÃES

Depois, com emoção, principia o seu discurso desataviado e despretencioso:

«Amigos:

Em primeiro logar permitam-me que lhes manifeste o meu reconhecimento pela honra que me deram de assistir a êste almoço, que é de gratidão.

Eu não esqueci nem esquecerei jámais o muito que devo ao grupo aqui reunido, pois dêle recebi durante o meu cativeiro, em Vagos, uma assistência tão assídua quanto proveitosa, a ponto de a trazer gravada no coração juntamente com outras recordações não menos valiosas.

Esse grupo é conhecido por os *congressistas*, nome que lhe provém das reuniões efectuadas de tempos a tempos para distracção do espírito e conforto da alma. Mas hoje agreguei-lhe mais um elemento: o sr. dr. Jaime Duarte Silva, que foi o patrono do *Democrata*, no tribunal. E porquê? Porque no dia do seu aniversário natalício lhe quero manifestar de viva voz e com testemunhas oculares—além das oculistas, por usarem oculos—o quanto lhe estou reconhecido pela sua dedicação, pelo seu trabalho e—o que é mais—pelo seu desinterêsse em presença dos muitos serviços prestados ao jornal.

E' pobresinha, insignificante, modesta, a homenagem que lhe reservo, sr. dr. Jaime Duarte Silva. Mas cada um dá o que tem e eu não costumo ir além das minhas possibilidades e de aparentar aquilo que não sou nem valho. Mas o que lhe falta em grandêsa, aquela grandêsa que tanto gostava de que fôsse revestida, vendo à sua volta toda a gente que lhe deve gratidão e que—tenho a certêsa—é uma grande parte da cidade, sobeja-lhe em afecto, já que doutro modo se não póde manifestar o coração ao ter contacto com as pessoas que dêle são dignas por a sua bondade, os seus sentimentos e generosas acções.

Senhor dr. Jaime Silva: quando esta manhã me levantei fiz a recomendação à *criada* para colher num jardim onde as houvesse mais mimosas e odoríferas, um ramo de flores para agora lhe oferecer. Eu vou vêr se ela já aqui chegou e cumpriu as minhas ordens. No entretanto queira aceitar desde já os meus parabens, os parabens de *O Democrata* pelo aniversário do seu nascimento—data que êste ano registo com desvanecimento, fazendo ardentes votos por que ainda se repita muitas vezes para satisfação de toda a sua estremosa família e amigos dedicados.

E se me dá licença—um momento: vou vêr se a *criada* veio com as flores...»

Este discurso, que impressionou pela franqueza e sinceridade com que foi proferido, termina com a entrada na sala da sr.ª D. Maria Helena Ribeiro, filha de Arnaldo Ribeiro, acompanhada das sr.as D. Maria Eunice Marques e D. Maria Esabeth Marques, filhas do sr. capitão Casimiro Marques, mocidade aliciante, vaporosa e gracil, que põe naquela festa muito íntima uma nota de frescura, de distinção e de beleza.

A sr.ª D. Maria Helena Ribeiro conduz uma soberba e artistica salva de prata com um lindíssimo ramo de flores naturais onde se realçam formosos e perfumados cravos, que oferece ao sr. dr. Jaime Silva, que com o seu extraordinário à vontade e a sua irradiante e impenitente *verve*, não perde a linha. Todos se erguem e uma calorosa salva de palmas ressôa na sala.

Algumas palavras do sr. dr. Jaime Duarte Silva

Breves e ligeiras notas, que sintetizam não a exactidão das palavras, mas sim o movimento do coração e a atitude da inteligência—um estado de espírito.

Agradeceu as provas de estima e reconhecimento que lhe acabavam de ser endereçadas por Arnaldo Ribeiro. Veemente e enérgico declarou que na causa de Arnaldo Ribeiro trabalhara de conta própria. Diz que foi apanhado em flagrante nesta homenagem. Confessa-se sensibilizado com a oferta da salva de prata e do ramo de flores por sua filha, a quem deseja, bem como à família de Arnaldo Ribeiro, as maiores felicidades. Alude a um magistrado da Vila da Feira que tôdas as noites fazia acto de contrição para pesar as boas e as más acções praticadas durante o dia. O homem não é absolutamente bom, nem absolutamente mau. Tem procurado na sua vida ser o melhor possível. Como aquele magistrado a que acaba de se referir, dá-se por feliz e satisfeito se na sua vida os seus bons actos excederam os maus. Pelo menos—afirma sorridente—tem sido essa a sua intenção, para êsse ideal tem procurado conduzir a sua consciência.

Depois de enaltecer as altas qualidades do sr. dr. Manuel Rodrigues, ilustre ministro da Justiça, que na questão de Arnaldo Ribeiro foi nobremente simpático, agradece mais uma vez a manifestação de amizade de que foi objecto, dirigindo palavras de gratidão a todos.

Com *verve*, mocidade e modelar disposição, finaliza por saúdar as senhoras presentes,—onda alada de graça a espiritualizar o ambiente.

Outras saúdações

A expansão continua na melhor harmonia e camaradagem. Brindaram ainda os srs. Joaquim Carreira, Virgílio de Souza Oliveira, dr. Lourenço Simões Peixinho e Manuel Leandro Cardoso, que dirigiram a Arnaldo Ribeiro e ao sr. dr. Jaime Duarte Silva vivas, quentes e sinceras saúdações.

Encerrou a encantadora festa íntima Arnaldo Ribeiro, que penhoradamente agradece mais uma vez, a todos, a gentileza da sua comparência e as expressões de amizade com que sempre o distinguiram, que nunca poderá esquecer e a que ficará eternamente grato. Enaltece o sr. dr. Jaime Duarte Silva, pondo em relêvo o seu desinterêsse e as suas grandes qualidades de amigo e advogado. Ergue depois um hino à sua querida terra – a Aveiro—a cuja grandeza tem votado a acção do seu jornal e da qual tem recebido os maiores testemunhos de solidariedade e afecto. E termina fazendo o elogio do sr. dr. António Lúcio Vidal, alma generosa e boa, carácter sem igual, que foi em Vagos de uma dedicação sem limites e que também nunca poderá esquecer. E profundamente comovido brinda pela saude e felicidade de todos os amigos presentes e ausentes.

A festa terminára. Todos se retiram, depois, bem impressionados, de consciência tranquila, de coração alegre, pacificado. Arnaldo Ribeiro acabára de cumprir o dever que a si próprio imperativamente impozera. Simpatia, amizade e gratidão foram os lêmas da festa, que, sem dúvida alguma, fôram nobre, sincera e religiosamente cumpridos.

J. Carreira

O TEMPO

Previsões de 18 a 24 de Setembro

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Continua a subida barométrica que, depois da descida, fortemente acentuada, em 21, volta a subir.

Datas de novos ciclones—Em 21 e de 24 para 25.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 21 e de 24 para 25.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo se apresente, por vezes, ventoso e de trovoada, principalmente nos dias 20, 21, 23 e 25.

Tempo no estrangeiro — Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: na Sibéria e Japão.

Oscilação provável de temperatura na Península—Depois de descer nos primeiros dias do período volta a subir.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: em 20 e 23.

Setúbal, 13 de Setembro de 1938.

A. CARVALHO SERRA

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Infância feliz

A revista oficial do Partido comunista *Partiinoïë Stroitelstvo* publicou, há pouco um resumo duma nota secreta endereçada por Yegov, chefe da G. P. U., ao govêrno soviético.

Ficámos sabendo por êsse resumo que, durante a última campanha eleitoral e a campanha de depuração geral que a acompanhou, fôram prestados à G. P U. serviços de particular importância por simples crianças encarregadas de espiar determinadas pessoas, entre elas os próprios pais. Yegov cita o caso do «pioneiro Stchegl'ov que denunciou o próprio pai».

«Factos semelhantes — escreve com orgulho o autor do resumo, Mikoyam, adjunto do Conselho dos Comissários do Povo—não são possíveis em nenhum país burguês; entre nós, porém, há muitos exemplos dêste género.»

O melhor comentário a estas palavras é feito nos seguintes termos por um comunista, Semachko, antigo comissário da saúde pública: *Perdoar-nos-ão talvez tudo, menos o que fizemos das crianças.*

Sem efeito

Já não vai para a Ilha das Flores exercer o cargo de Delegado do Procurador da República o nosso amigo, dr. Rafael Amorim de Lemos, visto ter sido declarada sem efeito a nomeação para ser colocado na comarca de Vinhais, em Traz-os-Montes.

Felicitamo-lo.

Á volta duma herança

Tem dado que falar e que fazer a riquêsa do dr. Soares Pinto, de Ovar, que de novo volta à barra do tribunal, fazendo andar em bolandas os herdeiros, com a Misericórdia da vila por ter abichado também um bom quinhão.

O irmão do falecido é que fez bem: não quiz aceitar o usofruto dos imoveis indicados no testamento e agora está-se a rir de tudo.

Ou êle não fôsse homem de negócios e financeiro.

Abertura da caça

Os devotos de Santo Huberto começaram ante-ontem a dar gôsto ao dêdo, puxando ao gatilho das espingardas na ânsia de atingirem os coelhos, as lebres e outras peças de sabor especial, quando bem cozinhadas.

Cá ficâmos à espera...

Camara de Anadia

Por acordão do Supremo Tribunal Administrativo foi reconduzido no seu antigo lugar de chefe da secretaria da Câmara daquele concelho, de que se achava afastado, o nosso colaborador sr. Joaquim de Castro Carreira, que ùltimamente exercia as funções de secretário do Comando da Polícia.

Felicitâmo-lo.

Circo Baptista

Acha-se montado na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, agradando os espectáculos da sua especialidade.

A concorrência é que tem sido diminuta.

Doenças dos olhos

Os abalisados clínicos srs. drs. Abilio Justiça e Cunha Vaz, especialisados em doenças dos olhos, participam ao público que suspenderam as suas consultas no Hospital desta cidade no dia 20 de Agosto e que só as retomarão no dia 22 de Outubro.

Que os interessados tomem nota.

Secção desportiva

Natação

Amanhã, o *Beira-Mar* deslocará ao Porto e a Coimbra, duas èquipas.

No Porto, disputar-se-á a *Milha do Mar*, organização dos *Galitos*, da Foz.

Em Coimbra, realizar-se-á a 2.ª *mão* do torneio quadrangular Aveiro-Porto-Coimbra-Figueira.

Os aveirenses terão representantes em tôdas as provas, nas categorias de *seniors*, principiantes, infantis e senhoras.

Y.

Prof. Carlos Henriques

O *Jornal de Notícias*, da penultima quinta feira, a propósito da morte do professor Carlos Henriques, dedica-lhe as sentidas linhas que passamos a reproduzir:

«Enterrou-se, ontem, no cemitério Oriental, este catedrático ilustre, do Conselho médico-legal, onde tinha lugar de relêvo, lente e director da Faculdade de Farmácia da nossa Universidade, sendo membro também muito considerado do Conselho Superior de Instrução Pública.

A história da sua doença durante dois anos—uma eternidade para êle!—tendo por ponto de partida a perda subita da esposa idolatrada a que não pôde resignar-se, constituiu um poema tão inédito de íntima amargura, que ninguém seria capaz de o descrever, ficando aliás gravado a traços fundos e impereciveis no espírito daqueles que dia a dia o acompanharam de perto entre lágrimas bem sentidas.

Nesta singela local queremos apenas frisar que com a morte do prof. Carlos Henriques perdeu a cidade um dos seus médicos mais dignos, instruidos e modernos, e a Universidade um dos seus ornamentos mais notáveis, qualquer que seja a faceta intelectual e moral por que se procure encarar esta personalidade invulgar, de cérebro robusto, vasto saber e capacidades multimodas, ao serviço dum coração de sensibilidade delicadíssima.

Por isso, durante dois anos de tragica dôr, a sua residência, à Travessa da Pena, nem um só dia deixou de ser visitada por colegas que muito o admiravam e por clientes reconhecidos, destacando-se entre êstes distintas senhoras da sociedade, que fizeram prova de gratidão excepcional e fervorosa em retribuição dos favores clínicos que dêle tinham recebido com acrisolada abuegação.

Da mesma sorte se compreende o fundo sentimento e alto significado do seu funeral, a despeito de não terem sido feitos quaisquer convites, por determinação expressa do saudosíssimo extinto. Nêle tomaram parte os elementos representativos da Universidade e de tôdas as classes sociais, sendo bem vincado em todos os rostos o enorme desgosto que dominava as almas, vendo desaparecer para sempre do meio portuense um dos seus expoentes mais elevados, na pujança da vida, quando tudo fazia prever ao professor Carlos Henriques uma carreira triunfal e inteiramente consagrada ao puro culto da Verdade e do Bem.

Quem o via por aí tão desprendido, simples e modesto, mal poderia calcular quanto valor nêle se encerrava; e aqueles que ontem cruzaram na rua com o grande médico na derradeira caminhada para o Campo Santo, também não poderão fazer ideia da violência, tão brutal como prematura, que a Morte de má bôca, acaba de fazer, arrebatando-o com tanta injustiça ao nosso convívio.»

Exames em Outubro

Pelo sr. Ministro da Educação Nacional foi determinado que em Outubro «sejam admitidos a fazer exame nos liceus os alunos a quem falte uma única disciplina das que não constituem o núcleo do exame de aptidão, e que, conjuntamente requeiram na Universidade êste último exame, o que deverão comprovar no liceu.

Mesmo os alunos que não tiverem tido freqüência no liceu, podem ser admitidos a êsse exame.

Mendicidade e Assistência

Será possível acertar radidal e positivamente este problema?

Eu não quero, certamente, trazer aqui o acerto de problema tão importante como é o da Mendicidade e da Assistência. Desejo, porém, apresentar ideias despretenciosas por mim qualificadas de algum valor, para facilitar o bom resultado dos estudos feitos em volta dêle.

Seria doidice pensar que um modesto alvitre trazido a público por pessoa tão simples, fôsse o único meio de colocar no terreno mais seguro—com acerto positivo e radical—problema de tamanha transcendência. Fique-se sabendo que nada mais desejo do que concorrer, na medida das minhas possibilidades, para a solução dum caso que se apresenta cada vez mais grave e aparentemente de difícil solução.

Conheço um cavalheiro, diplomado por uma das nossas escolas superiores mais renomadas, por sinal, que traz sempre na algibeira o elixir para todos os males de que a sociedade enferma, mas que se evapora antes de ser aplicado.

Ainda há pouco em certa reunião realizada nos Paços do Concelho dum município do nosso distrito lá apareceu o Grande Messias com a sua chave do problema tôda lusidia e pronta a abrir a caixinha com a resolução a entrar em prática. Mas ao abri-la, nada. Tudo havia fugido!...

Foi então nomeada uma comissão de cientistas para descobrir os mistérios dêsse fenómeno. Um mês foi dado aos peritos de doenças sociais para apresentação do seu relatório; três mêses, porêm, decorreram já e que eu saiba nada se vislumbra que nos dê, ao menos, qualquer esperança.

Pois bem: aí vai, então, o que penso.

Quanto à mendicidade, especialmente, parece-me que não há melhor processo e meio de conhecer e classificar os indivíduos pertencentes a esta categoria social do que aquêle que se prescreve no actual Código Administrativo.

Como a assistência anda intimamente ligada com a necessidade, quem desta conhece melhor que ninguém está indicado para socorrer aquêles que de socôrro carecem. E como não se póde socorrer sem recursos para fazê-lo é também classificada para colhê-los a entidade a quem cabe distribuí-los, pela razão de ser ela que conhece quem melhor os pode oferecer.

E', porém, forçoso dizer que ninguem deve irresponsabilizar-se pelos êrros que comete, o que portanto quer dizer que as Juntas devem ser responsáveis pela falta de escrúpulo e abuso verificado no uso que fizerem daquela sua tão humana como benemérita missão.

Postas as coisas neste pé, vamos à angariação de recursos.

Todo o indivíduo deve concorrer para a Assistência

Todo o indivíduo—até o próprio indigente—pode concorrer para a Assistência social. Se não tiver outra maneira de o fazer, fa-lo-á com serviços relativos a uma quota mínima prèviamente estabelecida.

A ninguém é pesada uma contribuição mensal de um escudo, por exemplo. Cada um pagará o que puder, mas não dará esmolas dispersas, algumas das quais são dadas mais por vaidade e por egoísmo do que por espírito caritativo.

A assistência deve ser prestada em cada freguesia por uma só entidade.

Não se regateie o céu. Se Deus conhece as intenções de cada um, ninguém carece de dar a esmola na rua ou à porta.

Proíba-se o direito de dar esmolas, não como restrição aos direitos que cada qual tem de dar o que quer e a quem quer, mas como meio de evitar uma caridade viciosa que serve de incentivo à pedinchice por parte de vàdios e refratários ao trabalho, quando não ainda à proliferação de elementos e razões de miséria.

Como se conhecerão em tôda a parte os verdadeiros necessitados

Todo o indivíduo deve ser devidamente identificado e encontrar-se sempre munido do seu cartão de identidade, para receber em qualquer parte a assistência devida, razoável e conveniente.

Se isto se fizer acabaremos com os permanentes operários sem trabalho, permanentemente de passagem, que nunca encontram trabalho nem deixam de estar de passagem.

E' evidente que o indivíduo não é escravo da sociedade pelo facto de ser pobre, mas todos devemos relativas e naturais satisfações à comunidade. Isto é lógico e decorre do natural convívio nas sociedades civilizadas.

O pobre, porque é pobre, não deve sequestrar-se ao convívio social, não deve, só por esta razão, levar-se para o asilo ou para qualquer lugar onde viva isolado dos homens livres. Isto só se fará por princípio de higiéne social ou quando êsse pobre não tenha família a quem deva o carinho ou quando esta se não preste a acarinhá-lo.

Certamente que ao referir-me à pobreza não ignoro a existência das diversas classes em que esta se desdobra. Para cada uma destas classes deve praticar-se a caridade adequada.

Para o indigente e inválido devemos dar o pão, o agasalho e o afago do nosso amor fraternal, ajudando a desvanecer a preocupação de ser imprestável. Para o pobre a quem falte o trabalho, daremos o pão enquanto não tem onde empregar o seu braço, ajudando-o na consecução de emprêgo; e para o que não consegue com o seu esfôrço o suficiente para prover à sua subsistência e dos seus, demos-lhe o amparo conveniente.

Demos a todos, não uma esmola que envergonhe e humilhe, com intenção de ganhar o céu, mas demo-la como fruto derivado da solidariedade social, como obrigação imposta pelos princípios humanos e cristãos.

Acabemos com a mendicidade, assistindo humana e santamente a todos os necessitados.

Se quizermos, teremos uma sociedade mais perfeita. Para isso basta sermos bons e justos.

S. B.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Rosa de Pinho Cabrita, esposa do sr. Artur Martins Cabrita, funcionário da Direcção de Estradas do Distrito; àmanhã, os srs. Manuel Cação Gaspar e João de Oliveira Frade, professor oficial em Fafe; no dia 19, o sr. José Nunes de Figueiredo, guarda livros em Agueda; em 20, a sr.ª D. Alzira do Vale Varela, esposa do sr. José Eduardo de Pinho Varela, empregado na filial dos Armazens do Chiado; em 21, a inocente Maria Graciette, sua filha, e em 23, o sr. José Lopes Godinho, professor no concelho de Oliveira de Azemeis.

Casamentos

Em Sangalhos realizou-se, há dias, o consórcis da sr.ª D. Ilda Simões Canha, empregada nos correios, com o sr. Alvaro Ferreira da Silva, de S. João da Madeira.

Entre as prendas oferecidas aos conjuges que fixaram residência em Arrifana, sobressaíam as oferecidas pelo tio da noiva, sr. Joaquim Simões, antigo ourives na capital.

Muitas felicidades.

Praias e Termas

Com suas famílias encontram-se a veranear na Costa Nova os srs. dr. Francisco de Assis Maia, professor do Liceu de José Estêvão, e Leodgário Augusto de Bastos, residente em Évora.

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, a sr. D. Isabel de Melo Duarte e interessante filhinho embarcou na segunda-feira, em Lisboa, com destino a Trindade, o nosso prezado conterrâneo e amigo Mário Duarte (filho), novo consul de Portugal naquela possessão britânica.

Teve uma afectuosa despedida por parte dos funcionários do ministério dos Estrangeiros e de pessoas amigas a que se associou o seu progenitor Mário Duarte (pai).

Desejamos-lhe feliz viagem e as maiores venturas.

—Da sua viagem ao estranjeiro já regressou a Lisboa, onde reside, o nosso velho amigo, dr. António Leitão, que ante ontem nos deu o prazer dum abraço nesta cidade, e Ex.ma Esposa.

—Com as respectivas esposas estiveram nesta cidade os srs. José de Oliveira Barreto, gerente da filial do Banco N. Ultramarino em Abrantes e António Augusto Martins, empregado na Vacuum Oil Company de Coimbra.

—De visita à sr.ª D. Rosalina Fontes, estiveram em Aveiro sua irmã e cunhado o sr. Zeferino Torres, de Justes (Vila Real).

—Também aqui se encontra com a esposa e filha, tendo-nos dado o praser da sua visita, o sr. Américo Mario Florencio, que amanhã regressará a Elvas, onde reside.

Doentes

Há duas semanas que se encontra de cama, doente, a gentil Ilda Mendes Maia, irmã do sr. Carlos Mendes, do Jardim das Modas, desta cidade.

—Também tem estado de cama com os seus sofrimentos agravados, o sr. Francisco José Lopes de Almeida, que, todavia, experimentou algumas melhoras nos últimos dias.

Sinceramente lhe desejamos o completo restabelecimento.

«V Congresso Internacional da Vinha e do Vinho

II Congresso Internacional Médico para o Estudo Científico do Vinho e da Uva

Prosseguem activamente os trabalhos de organização dêstes Congressos que reünem em Lisboa, a 15-23 de Outubro próximo e que, tudo indica, serão revestidos de invulgar brilhantismo.

É já elevado o número de congressistas estrangeiros e nacionais inscritos, fazendo-se representar oficialmente nos Congressos 20 Países vitícolas.

Realizar-se-ão interessantes excursões às regiões vinhateiras do País, a preços muito acessíveis. A Secretaria do Congresso fornece todos os esclarecimentosque lhe forem solicitados».

Taxa militar

Por efeito do disposto no Art. 28.º da Lei n.º 1961 de 1 de Setembro de 1937, todos os contribuintes da taxa militar recenseados em 1917, inclusivé, e nos anos seguintes, ficam sujeitos ao pagamento de **vinte e duas anuidades da taxa militar.**

Por tal motivo, os contribuintes nascidos em 1897 (e recenseados em 1917), que no corrente ano haviam terminado o pagamento das vinte anuidades a que estavam sujeitos, devem apresentar desde já os seus títulos m/5 neste Distrito de Recrutamento e Mobilização ou na Administração do Concelho onde residam, para lhes serem adicionadas mais duas folhas, a-fim-de poderem efectuar o pagamento das anuidades de 1938 e 1939, cuja cobrança tem lugar nos meses de Janeiro ou Fevereiro, respectivamente de 1939 e 1940.

Os títulos m/5 dos contribuintes recenseados nos anos de 1918 a 1937 serão pedidos oportunamente.

A falta de cumprimento ao disposto no presente Edital dará lugar ao respectivo relaxe.

Necrologia

D. Georgina Lé

Em Arada, subúrbios da cidade para onde foi viver logo após o seu casamento, há nove anos, exalou o derradeiro alento ao amanhecer de domingo, a sr.ª D. Georgina de Azevedo Lé Nunes Rangel, que dias antes havia adoecido com certa gravidade, mas nada fazendo prevêr que tão cêdo a Morte a acolhêsse no seu manto de dôr e de tristeza, cerrando-lhe os olhos para o mundo.

A inditosa senhora, que do Rio de Janeiro (E. U. do Brasil), onde nascera, veio de tenra idade para esta cidade, na companhia de seu pai, o falecido comerciante sr. Manuel dos Santos Lé, estabelecido com loja de fazendas na Rua Direita, desde muito nova que se impôs pela gentileza das suas maneiras, pela sua desenvoltura, pelo seu donaire e por tantos outros atractivos e predicados que a tornavam digna da consideração dos aveirenses, motivo porque a notícia da sua morte, ao espalhar-se na cidade, foi recebida com consternação e pesar.

Casada com o nosso amigo António José Nunes Rangel, a quem a doença atirou, primeiro para um sanatório, aonde esteve dois anos, e ùltimamente para um hospital do Porto, aonde se encontrava em tratamento, dêste matrimónio existe uma linda criança, a encantadora Maria Manuela, que era todo o enlevo da mãi e que agora servirá para atenuar a dôr do inconsolável viúvo, tão rudemente ferido no seu coração de marido estremoso.

No funeral de D. Georgina Lé, efectuado ao cair da tarde, incorporaram-se numerosas pessoas da freguesia e desta cidade, que formaram um extenso cortejo—verdadeira romagem de saudade—vendo-se durante o longo trajecto, desde a residência da extinta até ao cemitério do Outeirinho, onde ficou dormindo o sono eterno, muitos olhos marejados de lágrimas, podendo-se afirmar que a pequena aldeia sentiu profundamente a inesperada morte. E' que D. Georgina Lé também era querida e estimada por aquele povo humilde e, assim, ao desprender-se da vida, com 31 anos, apenas, os seus habitantes acorreram a prestar-lhe a última homenagem a que tinha direito. Muitos ramos de flores, alguns com sentidas dedicatórias, foram depostos sôbre o ataude, de cuja chave foi portador o sr. dr. Inocêncio Rangel, tio da extinta.

O Democrata, que se fêz também representar no cortejo, apresenta a tôda a família, nomeadamente ao viúvo e cunhado, dr. António Simões de Pinho, a íntima expressão do seu profundo sentimento.

* * *

No bairro de Sá deixou de existir, no mesmo dia, com 91 anos, a sr.ª Maria José de Oliveira, natural de Oliveira de Azemeis e que há muito tinha enviuvado.

A extinta era mãi do sr. Manuel Cação Gaspar e sogra do sr. António de Freitas, hábil artista canteiro, aos quais apresentamos condolências, estendidas à restante família.

Correspondencias

Oliveirinha, 15

Decorreu sem o mais pequeno incidente desagradável a festividade da Senhora dos Remédios que, como dissémos, teve logar no domingo. Houve festa de igreja a grande instrumental, seguida de procissão que percorreu as ruas do itenerário com a maior compostura. De fóra vieram bastantes conterrâneos nossos passar o dia e confraternisar com as famílias e amigos, efectuando-se, à noite, o arraial com iluminação, música e fogo em grande quantidade, como é costume.

Nos coretos tocaram as melhores peças dos seus reportórios as filarmonicas de Fermentelos e e S. João de Loure, agradando a quantos as ouviram com atenção.

O resto já os leitores sabem: cada um em suas cases honrou Senhora dos Remedios conforme lhe foi possivel...

Que ela a todos proteja. Não devendo, porém, esquecer que é na medicina e na farmácia que reside o melhor remédio para os achaques da humanidade...

—Graças a Deus que já choveu! Não muito, mas o suficiente para fazer arrebitar os nabais...

E' tão precisa...

C.

Esgueira, 14

E' já no próximo domingo que se realizam aqui as tradicionais festas em honra da Senhora do Rosário, que, além do culto interno, constarão de magestosa procissão, vistoso fogo de artifício e concertos musicais com o concurso das Bandas José Estêvão, dessa cidade, Nova de Pardilhó e Angejense, de Angeja.

—Na última semana faleceu aqui com a idade de 72 anos, o sr. José Gonçalves Pereira.

O seu funeral, realizado no dia seguinte, foi muito concorrido devido às excelentes qualidades que o extinto gosava.

A' família enlutada os nossos sentidos pêsames.

C.

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 16 de Outubro próximo, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução hipotecaria que Francisco António de Pinho Júnior, casado, proprietário e industrial, de Esgueira, move contra Manuel Simões da Silva e mulher Rosa Simões da Maia, residentes em Mataduços, proceder-se-á á arrematação, em hasta pública, para serem entregues aquem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, do seguinte:

Um terreno a estrume, sito no Bunhal, limite de Taboeira, freguesia de Esgueira, avaliado em 150$00;

Uma terra e pinhal, sita no B ejo, freguesia de Esgueira, avaliada em 2.000$00;

Uma leira de terreno lavradio, sita no Cabeço da Vessada, de Mataduços, freguesia de Esgueira, avaliada em 500$00;

Uma leira de terra lavradia, no mesmo sitio do anterior, avaliada em 500$00;

Uma leira de pinhal, no mesmo sitio da anterior, avaliada em 60$00;

Um prédio que hoje se compõe de umas casas terreas e terreno lavradio, sito na Agra do Facho, de Mataduços, freguesia de Esgueira, avaliado em 12.000$00;

Uma terra lavradia com suas pertenças, sita no Chão dos Orfãos, limite de Mataduços, freguesia de Esgueira, avaliada em 1.500$00;

Uma leira de terra lavradia, sita na Carreira Larga, limite de Mataduços, freguesia de Esgueira, avaliada em esc. 1.300$00;

Uma leira de terra lavradia, no mesmo sítio da anterior, avaliada em 500$00;

Uma leira de terreno a pinhal, sita na Boiça, limite de Esgueira, avaliada em 30$00;

Uma leira de terreno a pinhal no mesmo sítio da anterior, avaliada em 200$00;

Uma terça parte de uma terra lavradia com suas pertenças, sita em Mataduços, freguesia de Esgueira, avaliada em 100$00;

Uma praia de junco com suas pertenças, sita em Lamamá, limite de Vilarinho, freguesia de Cacia, avaliada em 600$00;

Uma praia de junco com suas pertenças, sita no Ribeiro, limite de Vilarinho, freguesia de Cacia, avaliada em 800$00;

Uma sexta parte de um pinhal e terra lavradia, sita no Razo, limite de Taboeira, freguesia de Esgueira, avaliada em 400$00;

Um pinhal sito na Quinta do Cação, limite de Taboeira, freguesia de Esgueira, avaliado em 1.200$00;

Um terreno a estrume, sito no Bunhal, limite de Taboeira, freguesia de Esgueira, avaliado em 100$00 e

Uma terra lavradia, chamada a Terra Larga, sita no Campo de Taboeira, freguesia de Esgueira, avaliada em 1.000$00.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 13 de Julho de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,

António Ferreira

O Chefe da 1.ª Secção da 1.ª Vara

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte

Hora	Comboio
5,41	tram.
5,27	correio
7,15	tram.
10,22	»
12,56	rápido
13,43	tram.
16,58	»
18,30	correio
21,09	tram.
22,27	rápido

Partidas para o sul

Hora	Comboio
7,56	tram. *Fig.*
9,40	rápido
10,59	correio
13,23	tram. *Fig.*
16,19	tram.
19,29	rápido
21,51	tram.
0,31	correio

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	8,38
13,45	10,15
18,38	18,21
20,50	22,51

"O Democrata„

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal, ano	20$00
Semestre	10$00
Colonias, ano	30$00
Brasil e Estrangeiro	40$00
Numero avulso	$30

ANUNCIOS

Por linha (1.ª pagina)	2$00
» » (2.ª »)	1$50
Nas outras	1$00
Comunicados, linha	1$50

Permanentes contracto especial. Contagem pelo linómetro de corpo 8.

A FECHAR

Um conde riquíssimo, mas tolhido de gôta, recebe a visita dum parente pobre, que lhe diz ao entrar:

—Também sôfro da gôta como tu.

Ao que o milionário responde indignado:

—Has-de ser sempre o mesmo! Nunca hás-de saber guardar a distância que há entre mim e tu!